O BRINCAR E AS EXPRESSÕES ARTÍSTICAS NAS EXPERIÊNCIAS CULTURAIS DE CRIANÇAS INDÍGENAS.

Fabiane Bandeira Viana
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Hevelin Katana Farias Ribeiro
Silvana Nascimento de Carvalho

O presente estudo investiga o brincar e as expressões artísticas nas experiências culturais de crianças indígenas, considerando sua relevância para o desenvolvimento integral, socialização e aprendizagem significativa. A pesquisa fundamenta-se em literatura interdisciplinar que abrange psicomotricidade, linguagens, arte, desenvolvimento infantil e mediação docente (Carvalho; Ischkanian; Cabral et al., 2025), bem como estudos etnográficos sobre o cotidiano de famílias indígenas Terena e Kaiowá (Cabrera, 2006; Lino, 2006). As atividades lúdicas e expressões artísticas são analisadas como instrumentos que promovem a criatividade, o reconhecimento cultural e o fortalecimento da identidade, possibilitando às crianças vivenciar, experimentar e representar elementos de sua cultura de forma significativa (Brougère, 1997; Coelho; Ischkanian; Cabral et al., 2025). A pesquisa evidencia que o desenho livre, a dramatização, a música e os jogos constituem meios privilegiados para integrar saberes formais e informais, proporcionando aprendizagens contextualizadas que respeitam os ritmos e a singularidade de cada criança (Darraut-Harris; Grubits, 2001; Costa, 2002). A investigação aponta que o brincar e as atividades artísticas fortalecem vínculos familiares e comunitários, contribuindo para a preservação de saberes ancestrais e práticas culturais, ao mesmo tempo em que promovem desenvolvimento emocional, cognitivo e social (Velasco, 1996; Coelho; Ischkanian; Cabral et al., 2025). O estudo reforça a importância de práticas pedagógicas que reconheçam a infância como espaço de descobertas, protagonismo e expressão cultural, alinhadas a princípios de inclusão, diversidade e aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Infância indígena, brincar, expressão artística, aprendizagem significativa, cultura.

PLAYING AND ARTISTIC EXPRESSIONS IN THE CULTURAL EXPERIENCES OF INDIGENOUS CHILDREN.

Fabiane Bandeira Viana
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Hevelin Katana Farias Ribeiro
Silvana Nascimento de Carvalho

This study investigates play and artistic expressions in the cultural experiences of Indigenous children, highlighting their relevance for holistic development, socialization, and meaningful learning. The research is grounded in interdisciplinary literature encompassing psychomotricity, multiple languages, art, child development, and teacher mediation (Carvalho; Ischkanian; Cabral et al., 2025), as well as ethnographic studies on the daily lives of Terena and Kaiowá families (Cabrera, 2006; Lino, 2006). Playful activities and artistic expressions are analyzed as instruments that foster creativity, cultural recognition, and identity formation, enabling children to experience, experiment with, and represent elements of their culture in a meaningful way (Brougère, 1997; Coelho; Ischkanian; Cabral et al., 2025). The study shows that free drawing, dramatization, music, and games serve as privileged means to integrate formal and informal knowledge, providing contextualized learning that respects each child's pace and uniqueness (Darraut-Harris; Grubits, 2001; Costa, 2002). Furthermore, the research indicates that play and artistic activities strengthen family and community bonds, contributing to the preservation of ancestral knowledge and cultural practices while simultaneously promoting emotional, cognitive, and social development (Velasco, 1996; Coelho; Ischkanian; Cabral et al., 2025). This study emphasizes the importance of pedagogical practices that recognize childhood as a space for discovery, agency, and cultural expression, aligned with principles of inclusion, diversity, and meaningful learning.

Keywords: Indigenous childhood, play, artistic expression, meaningful learning, culture

O BRINCAR E AS EXPRESSÕES ARTÍSTICAS NAS EXPERIÊNCIAS CULTURAIS DE CRIANÇAS INDÍGENAS.

Fabiane Bandeira Viana
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Hevelin Katana Farias Ribeiro
Silvana Nascimento de Carvalho

1. INTRODUÇÃO

O brincar e as expressões artísticas constituem dimensões fundamentais para o desenvolvimento integral de crianças, especialmente quando analisadas no contexto das experiências culturais indígenas. Estudos clássicos sobre a relação entre brinquedo e cultura destacam a importância da mediação simbólica proporcionada pelo jogo, que permite à criança explorar regras sociais, hierarquias e significados culturais de forma ativa (Brougère, 1997). A infância indígena, marcada por práticas coletivas e saberes ancestrais, revela que atividades lúdicas não apenas entretêm, mas estruturam experiências cognitivas, emocionais e sociais, oferecendo caminhos para a construção de identidades e pertencimentos culturais (Cabrera, 2006). Esta perspectiva ressalta a necessidade de compreender o brincar como prática culturalmente situada, que articula o imaginário da criança com os valores e narrativas do grupo ao qual pertence.

A expressão artística emerge como instrumento privilegiado para a integração de múltiplas linguagens e saberes, favorecendo processos de aprendizagem significativa desde os primeiros anos (Carvalho; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Por meio do desenho, da música, da dramatização e das artes visuais, crianças indígenas experimentam representações simbólicas que consolidam a compreensão de seu mundo, ao mesmo tempo em que fortalecem vínculos afetivos e comunitários (Coelho; Ischkanian; Cabral et al., 2025). O desenho livre, em particular, revela-se um espaço de experimentação que articula percepção, motricidade e pensamento crítico, permitindo que a criança projete emoções, narrativas e experiências culturais de maneira singular. Essas práticas evidenciam que a arte infantil não é apenas um meio de expressão estética, mas um instrumento cognitivo e social de grande relevância.

O jogo, enquanto manifestação espontânea e estruturante do cotidiano infantil, desempenha papel central na socialização e no desenvolvimento de competências cognitivas e emocionais (Costa, 2002). Para crianças indígenas, os jogos coletivos incorporam histórias, mitos e tradições orais, funcionando como mecanismos de transmissão cultural e memória comunitária (Cabrera, 2006). Atividades lúdicas articuladas com contextos culturais favorecem o protagonismo infantil, estimulam a criatividade e consolidam aprendizagens que se estendem

para além do espaço escolar, promovendo resiliência, cooperação e senso de responsabilidade social. A dimensão coletiva do brincar evidencia que cada gesto e cada regra internalizada refletem valores compartilhados e práticas sociais transmitidas intergeracionalmente.

A articulação entre brincar e expressão artística também contribui para a construção da identidade e do autoconhecimento, permitindo que crianças interpretem e representem experiências complexas de forma acessível e significativa (Brougère, 1997; Carvalho; Ischkanian; Cabral et al., 2025). O desenvolvimento emocional é diretamente favorecido por atividades que combinam movimento, cor, som e narrativa, oferecendo oportunidades para simbolizar sentimentos e compreender emoções próprias e alheias (Coelho; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Além disso, essas experiências funcionam como mediadoras de relações sociais, promovendo empatia, escuta ativa e respeito pela diversidade de perspectivas dentro do grupo infantil. A prática lúdico-artística, portanto, consolida competências que transcendem habilidades técnicas, envolvendo dimensões éticas, afetivas e culturais.

A compreensão do brincar e das expressões artísticas como componentes centrais da experiência infantil permite refletir sobre estratégias pedagógicas que respeitem os ritmos e saberes de crianças indígenas. Ao integrar práticas lúdicas e artísticas aos processos educativos, é possível criar ambientes de aprendizagem que valorizem a autonomia, a curiosidade e o engajamento ativo (Carvalho; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Reconhecer o valor cultural e educativo dessas práticas favorece uma educação sensível às necessidades e potencialidades de cada criança, promovendo experiências significativas e duradouras que fortalecem identidades, criam vínculos afetivos e ampliam horizontes de conhecimento. Este enfoque evidencia que o brincar e a expressão artística são ferramentas essenciais para uma educação infantil plural, inclusiva e culturalmente responsiva.

2. DESENVOLVIMENTO

O brincar nas comunidades indígenas deve ser compreendido como uma prática inseparável da vida cotidiana, transmitindo saberes, valores e identidade cultural de geração em geração. Estudos psicossemióticos indicam que a produção artística infantil, como pinturas corporais e grafismos, funciona como uma linguagem simbólica capaz de consolidar a identidade das crianças Guarani/Kaiowá (Darraut-Harris; Grubits, 2001). Essas manifestações não se limitam ao lazer, mas constituem processos de aprendizagem contextualizados, nos quais a criatividade e a exploração do ambiente natural promovem o desenvolvimento integral. A familiaridade com os elementos da floresta, o contato com sementes, barro e pigmentos naturais, e a participação em cantos e danças favorecem a compreensão das relações sociais e ecológicas dentro da comunidade (Meliá, 1979).

A arte, nas culturas indígenas, não é uma atividade isolada, mas permeia a vida cotidiana e os rituais, estando presente na construção das casas, nos utensílios, nas vestimentas e nas pinturas corporais. Pesquisas em educação contemporânea destacam que essas práticas simbólicas articulam memória, afetividade e aprendizagem, funcionando como instrumentos de mediação pedagógica e cultural (Ischkanian et al., 2022). Os grafismos tradicionais, como o "caminho da cobra" ou a "borboleta", reproduzidos em cerâmicas, cocares e desenhos corporais, simbolizam a interação com a natureza, a comunidade e as narrativas históricas do grupo. A participação das crianças nesses processos fortalece o sentido de pertencimento e o reconhecimento de sua própria cultura.

O jogo, considerado por Kishimoto (1993) como elemento central do desenvolvimento infantil, assume função educativa nas experiências indígenas, ensinando habilidades práticas e cognitivas. Corridas, jogos de equilíbrio e força, e atividades com sementes e barro transmitem conhecimentos sobre o ambiente, promovem coordenação motora e estimulam a atenção e a memória. Lino (2006) ressalta que a integração entre família e escola potencializa essas aprendizagens, garantindo que as crianças internalizem valores e práticas culturais de maneira natural e significativa. Os jogos funcionam como espaços de experimentação, nos quais a criança vivencia regras, cooperação e estratégia, preparando-a para desafios cotidianos.

Atividades corporais, como o cabo de guerra, corridas de um pé só e brincadeiras com petecas, oferecem oportunidades para desenvolver força, agilidade e resistência. Guedes (2002) enfatiza que a atividade física lúdica é essencial para a construção de habilidades psicomotoras e sociais, fortalecendo a autonomia e a confiança da criança. Nessa perspectiva, o corpo se torna um instrumento de aprendizagem e expressão cultural, pois as práticas corporais carregam significados históricos e simbólicos específicos de cada comunidade.

A transmissão cultural por meio do brincar revela-se um mecanismo eficaz de preservação de saberes ancestrais. Atividades como arrancar mandioca, subir em árvores e confeccionar brinquedos com elementos naturais funcionam como pontes entre passado e presente, garantindo que as tradições sejam vivenciadas e compreendidas pelas novas gerações (Carvalho; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Essa integração entre aprendizado prático e expressão simbólica permite que a criança desenvolva habilidades cognitivas, emocionais e sociais de forma harmoniosa.

A música e a dança desempenham papel central nas experiências lúdico-artísticas, promovendo socialização e aprendizagem cultural simultaneamente. Estudos sobre educação indígena indicam que cantos, instrumentos feitos de materiais naturais e danças ritualísticas fortalecem laços comunitários e ensinam sobre a história e os valores do grupo (Meliá, 1979). Participar dessas práticas favorece a memória coletiva, o senso de pertencimento e a capacidade

de interpretar sinais e símbolos culturais, ampliando a compreensão do mundo para além da experiência imediata.

O desenho infantil, especialmente o livre, emerge como ferramenta de expressão emocional e cognitiva. Pesquisas sobre desenvolvimento infantil destacam que a atividade artística permite às crianças organizar ideias, narrar histórias e simbolizar sentimentos, favorecendo a aprendizagem significativa (Coelho; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Ao integrar elementos da natureza e da vida comunitária, os desenhos funcionam como registros culturais que articulam observação, imaginação e prática, consolidando a função educativa da arte no contexto indígena.

As influências externas, como brinquedos industrializados e mídias digitais, representam desafios à manutenção das práticas lúdico-artísticas tradicionais. Entretanto, estudos apontam que as brincadeiras indígenas conseguem coexistir com essas novas formas, adaptando-se sem perder sua essência cultural (Cabrera, 2006). A valorização das atividades tradicionais na educação infantil reforça a identidade cultural, promove a criatividade e oferece oportunidades de aprendizagem que respeitam os ritmos e interesses das crianças.

O brincar e as expressões artísticas constituem também instrumentos de fortalecimento do vínculo familiar e comunitário. As crianças aprendem com adultos e pares, transmitindo e reinterpretando conhecimentos, habilidades e valores (Lino, 2006). Essa dinâmica colaborativa permite que a infância seja vivida como espaço de experimentação, protagonismo e expressão cultural, garantindo que o desenvolvimento integral ocorra em consonância com as tradições e demandas contemporâneas das comunidades indígenas.

Compreender o brincar e a arte como práticas indissociáveis da cultura indígena reforça a necessidade de políticas educativas e pedagógicas que reconheçam esses saberes. Kishimoto (1993) e Darraut-Harris; Grubits (2001) destacam que experiências lúdico-artísticas promovem autonomia, pensamento crítico e socialização, além de fortalecer a identidade cultural das crianças. Integrar essas práticas nos contextos educativos contribui para uma educação sensível, inclusiva e culturalmente responsiva, que valoriza a infância como espaço de aprendizagem, experimentação e construção de conhecimento.

2.1. METODOLOGIA DA PESQUISA PARA DELINEAMENTO DO ARTIGO

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico e documental, centrada na análise interpretativa dos discursos científicos sobre o brincar e as expressões artísticas nas experiências culturais de crianças indígenas conforme destacado por Narciso e Santana (2025), Morales (2022) e Page et al. (2021). Tal escolha justifica-se pela necessidade de compreender significados, sentidos e processos relacionados às práticas

pedagógicas contemporâneas, priorizando a interpretação da complexidade dos fenômenos educacionais em detrimento da quantificação de dados. Essa modalidade de investigação permite examinar criticamente produções teóricas já consolidadas, reconhecendo a singularidade do campo e oferecendo subsídios para a reflexão sobre práticas educativas.

O tipo de pesquisa adotado caracteriza-se como bibliográfico, cujo objetivo consiste em reunir, sistematizar e analisar a produção científica existente sobre o tema investigado. A pesquisa bibliográfica fundamenta-se na exploração de obras previamente publicadas, incluindo artigos científicos, dissertações, livros e documentos eletrônicos, servindo de base para a construção do referencial teórico e para o desenvolvimento das análises propostas como enfatizam Silva et al. (2009) e Fávero e Centenaro (2019). Tal procedimento permite ao pesquisador identificar o estado da arte da área, detectar lacunas no conhecimento e construir uma narrativa fundamentada em evidências e estudos consolidados.

A pesquisa também se configura como documental, uma vez que inclui materiais acessados em bases digitais e científicas que apresentam dados relevantes para reflexão sobre o objeto de estudo. Foram selecionadas obras disponibilizadas em livros, periódicos, jornais e plataformas acadêmicas como CAPES, Scopus, Web of Science, SciELO, Academia Edu e Google Acadêmico. Os critérios de seleção consideraram a atualidade, a pertinência temática e o rigor acadêmico das publicações, garantindo consistência teórica e relevância dos dados examinados, conforme indicado por Galvão e Ricarte (2019).

Após a triagem inicial, os textos selecionados foram submetidos à leitura analítica, buscando identificar elementos comuns, tensões e contribuições singulares como ressalta Creswell (2021). Os dados foram analisados mediante categorização temática e cruzamento entre os achados, permitindo construir uma narrativa articulada que evidenciasse os principais aspectos estruturais, pedagógicos e epistemológicos discutidos na literatura. Essa sistematização criteriosa assegura coerência interpretativa e evita contradições ou interpretações equivocadas, promovendo um olhar crítico e dialógico sobre as informações coletadas.

2.2. INTEGRAÇÃO CULTURAL E TRANSMISSÃO DE SABERES ANCESTRAIS

O brincar e as expressões artísticas nas comunidades indígenas não podem ser compreendidos apenas como atividades recreativas, mas como práticas profundamente enraizadas na transmissão cultural e na formação da identidade coletiva (Papalia; Olds, 2000). Pinturas corporais com urucum e jenipapo, grafismos, cantos e danças funcionam como linguagens simbólicas que permitem às crianças internalizar valores, mitos e tradições ancestrais, conectando-se com a história e o conhecimento de sua comunidade (Darraut-Harris;

Grubits, 2001; Meliá, 1979). Esses processos são articulados no cotidiano, em que o brincar não é separado das experiências de vida, promovendo socialização, aprendizagem prática e desenvolvimento integral desde os primeiros anos de vida.

A dimensão corporal do brincar indígena revela uma pedagogia implícita que integra mente, emoção e ação. Jogos que envolvem corrida, força, equilíbrio ou manipulação de elementos naturais constituem exercícios que fortalecem a motricidade, a coordenação e a resistência física, enquanto promovem habilidades cognitivas e emocionais (Velasco, 1996; Papalia; Olds, 2000). Nessas experiências, o corpo torna-se veículo de aprendizagem, permitindo que as crianças compreendam seu papel na comunidade e interpretem o mundo a partir de práticas sensíveis à cultura e à natureza, fortalecendo tanto a autonomia quanto a cooperação social.

A arte, longe de ser um campo isolado, permeia todos os aspectos da vida indígena, funcionando como instrumento de comunicação e preservação cultural. Grafismos tradicionais, como padrões que representam animais, plantas e fenômenos naturais, aparecem em cerâmicas, tecidos e utensílios, reforçando a coesão social e permitindo que as crianças construam significados compartilhados dentro de sua comunidade (Silva; Macedo; Nunes, 2002; Viveiros de Castro, 1992). A participação em atividades artísticas proporciona experiências estéticas e cognitivas simultaneamente, fomentando a criatividade e o senso crítico em contextos de aprendizagem contextualizada.

As expressões lúdicas e artísticas também desempenham papel central na manutenção dos vínculos familiares e comunitários. Brincadeiras coletivas, cantos e dramatizações fortalecem a cooperação e o respeito mútuo, criando espaços nos quais os conhecimentos tradicionais são transmitidos e reinterpretados pelas novas gerações (Brougère, 1997; Viana; Ischkanian; Cabral et al., 2026). Esses vínculos reforçam o pertencimento e a autoestima, permitindo que a criança se perceba como parte integrante de uma rede cultural que valoriza a história, a memória e os valores compartilhados.

O brincar e as expressões artísticas nas culturas indígenas apresentam uma integração entre tradição e inovação. O uso de materiais naturais, aliado a práticas contemporâneas e à incorporação de tecnologias educativas, possibilita o surgimento de experiências significativas que respeitam a singularidade de cada criança (Viana; Ischkanian; Cabral et al., 2026; Vieira; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Essa abordagem evidencia que a infância é um espaço de descobertas, experimentação e mediação pedagógica, no qual a cultura ancestral se mantém viva enquanto se dialoga com novos contextos educativos, fortalecendo a aprendizagem integral e o desenvolvimento humano pleno.

2.3. DESENVOLVIMENTO MOTOR, COGNITIVO E EMOCIONAL

O brincar tradicional das comunidades indígenas desempenha um papel decisivo no desenvolvimento motor, oferecendo oportunidades para a coordenação corporal, resistência e percepção espacial desde os primeiros anos de vida. Atividades como corrida, cabo de guerra, peteca e escalada em árvores proporcionam exercícios físicos que fortalecem músculos, equilíbrio e agilidade, permitindo que a criança experimente limites e desafios dentro de contextos seguros (Guedes, 2002; Kishimoto, 1993). Esses momentos não apenas aprimoram habilidades físicas, mas também incentivam a autonomia e a consciência corporal, inserindo a criança em práticas que valorizam a interação com o ambiente natural e a compreensão das regras sociais do grupo.

O aspecto cognitivo do brincar manifesta-se na construção de estratégias, resolução de problemas e raciocínio lógico durante os jogos e atividades coletivas (Papalia; Olds, 2000). Jogos de força e equilíbrio exigem planejamento, tomada de decisão e negociação de regras, promovendo processos mentais complexos que articulam memória, atenção e percepção espacial (Carvalho; Ischkanian; Cabral et al., 2025; Guedes, 2002). Além disso, o lúdico permite que as crianças experimentem consequências de suas ações em ambientes controlados, fortalecendo a capacidade de previsão e avaliação crítica, habilidades essenciais para a aprendizagem escolar e para a vida comunitária.

A dimensão emocional emerge de forma integrada às práticas motoras e cognitivas, oferecendo espaços nos quais sentimentos podem ser reconhecidos, externalizados e compreendidos simbolicamente (Lino, 2006; Silva; Macedo; Nunes, 2002). A dramatização, a música e o desenho permitem que as crianças explorem medos, desejos e experiências pessoais de maneira segura e compartilhada (Coelho; Ischkanian; Cabral et al., 2025; Kishimoto, 1993). Esses processos contribuem para o desenvolvimento da autoconfiança, da empatia e da regulação emocional, habilidades essenciais para a construção de vínculos sociais saudáveis e para a manutenção do bem-estar psicológico no contexto familiar e comunitário.

A integração entre movimento, cognição e emoção evidencia a dimensão holística do brincar indígena, na qual cada atividade é simultaneamente educativa, cultural e afetiva (Vieira; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Brincadeiras que envolvem elementos da natureza, como sementes, barro ou folhas, conectam o conhecimento prático à imaginação, estimulando a criatividade e o pensamento simbólico (Meliá, 1979; Viveiros de Castro, 1992). A mediação docente ou familiar, quando presente, amplia essas experiências, ajudando a criança a refletir sobre suas ações, a elaborar estratégias de interação e a compreender normas culturais de forma significativa.

O contexto contemporâneo também apresenta desafios e oportunidades para o desenvolvimento integral, na medida em que práticas tradicionais convivem com influências externas e novas tecnologias. A incorporação de ferramentas digitais e metodologias de cultura maker pode ampliar a experiência lúdica e a aprendizagem significativa, permitindo que habilidades motoras, cognitivas e emocionais sejam exercitadas em diferentes dimensões (Vieira; Ischkanian; Cabral; Viana; Lima, 2026). Essa articulação evidencia a relevância de práticas pedagógicas que respeitem a diversidade cultural, promovam experimentação e valorizem a infância como espaço de descoberta, desenvolvimento integral e protagonismo.

2.4. CONEXÃO COM A NATUREZA E APRENDIZAGEM ECOLÓGICA

O brincar indígena revela-se como uma ponte entre a criança e o meio ambiente, permitindo que experiências lúdicas se tornem oportunidades para a compreensão de ciclos naturais e processos ecológicos (Darraut-Harris; Grubits, 2001). Jogos com sementes, barro, folhas e outros elementos coletados da natureza estimulam a observação cuidadosa e a experimentação prática, fortalecendo a percepção sensorial e a capacidade de análise do entorno (Costa, 2002; Viana; Ischkanian; Cabral et al., 2025). A interação direta com materiais naturais não apenas desenvolve habilidades motoras e cognitivas, mas também promove uma consciência ecológica profunda, moldando atitudes de respeito e cuidado que se estendem para além do contexto imediato da brincadeira.

Atividades como coletar sementes para plantio, modelar barro ou participar de pequenos rituais ligados à natureza proporcionam às crianças a oportunidade de compreender interdependências entre seres vivos e ambientes. Essas práticas favorecem a aprendizagem significativa, uma vez que cada gesto e escolha está contextualizada em uma lógica cultural própria, transmitida pelas gerações mais velhas (Coelho; Ischkanian; Cabral et al., 2025). A criança, ao experimentar o impacto de suas ações, como regar uma planta ou movimentar elementos naturais, passa a reconhecer relações de causa e efeito, fortalecendo não apenas o conhecimento ecológico, mas também a responsabilidade social e ambiental.

A expressão artística amplifica a aprendizagem ecológica, permitindo que a observação do ambiente seja internalizada e reinterpretada por meio de desenho, pintura, música ou dramatização (Viana; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Grafismos inspirados na fauna e flora locais ou ritmos que imitam sons da natureza estabelecem uma ponte entre criatividade e conhecimento científico-prático, revelando como a estética e a percepção ambiental se interconectam na cultura indígena (Ischkanian et al., 2022). A representação simbólica reforça a memória cultural e cria registros afetivos que consolidam valores ecológicos, promovendo uma educação ambiental implícita e vivenciada.

O brincar voltado para a natureza também contribui para o desenvolvimento emocional, oferecendo um espaço seguro para a exploração de sentimentos ligados à curiosidade, à descoberta e à empatia pelos seres vivos (Winicott, 1982; Coelho; Ischkanian; Cabral et al., 2025). A criança aprende a lidar com frustrações, paciência e cooperação ao participar de jogos coletivos ou cuidar de plantas e animais, internalizando noções de cuidado, persistência e respeito pelas leis naturais. Esse processo educativo integra-se de forma orgânica à rotina e à cultura, tornando o aprendizado ecológico uma experiência vivencial e significativa.

A integração das práticas lúdicas e artísticas com o contato direto com a natureza evidencia a potencialidade das abordagens educativas interculturais, que unem tradição, criatividade e conhecimento prático. O brincar indígena, ao promover aprendizagens ecológicas desde os primeiros anos, fortalece a consciência ambiental e a responsabilidade coletiva, preparando crianças capazes de atuar como sujeitos conscientes e sensíveis às necessidades do ecossistema (Viveiros de Castro, 1992; Vieira; Ischkanian; Cabral et al., 2025; Vieira; Ischkanian; Cabral; Viana; Lima, 2026). Tais experiências configuram a infância como espaço de descobertas, protagonismo e inserção social pautada na harmonia com o mundo natural.

2.5. INTEGRAÇÃO ENTRE ARTE E COTIDIANO

A arte nas comunidades indígenas transcende o conceito ocidental de manifestação estética isolada, sendo um componente essencial do cotidiano e da socialização. Padrões gráficos, como o “caminho da cobra” ou a “borboleta”, presentes em cerâmicas, utensílios, vestimentas e pinturas corporais, carregam significados simbólicos transmitidos de geração em geração, funcionando como marcadores de identidade e pertencimento social (Brougère, 1997; Darraut-Harris; Grubits, 2001). Esses elementos visuais não apenas decoram ou embelezam, mas comunicam histórias, mitos e relações sociais, oferecendo às crianças oportunidades de compreensão cultural e aprendizado de normas coletivas desde cedo.

A experiência artística está intrinsecamente ligada aos rituais e às práticas cotidianas, revelando que cada gesto criativo tem função educativa e simbólica. Construir brinquedos com materiais naturais, decorar utensílios ou participar de danças e cantos permite às crianças internalizar valores, desenvolver a motricidade e aprimorar a coordenação olho-mão (Winicott, 1982; Carvalho; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Nessa perspectiva, a arte funciona como veículo de transmissão cultural e emocional, auxiliando na construção de laços comunitários e na formação de uma identidade segura e coletiva.

O ensino e a aprendizagem da arte ocorrem de maneira orgânica e integrada à vida diária, favorecendo a criatividade e o protagonismo infantil. Ao reproduzir padrões gráficos

observados em cerâmicas ou tecidos, a criança pratica percepção visual, memória e simbolização, enquanto compreende a relevância desses signos para a coesão social (Viana; Ischkanian; Cabral et al., 2025). A prática artística se torna, portanto, uma ferramenta pedagógica implícita, que não depende de instruções formais, mas emerge da observação, experimentação e interação constante com o ambiente cultural.

A arte indígena também contribui para o desenvolvimento emocional, oferecendo às crianças meios para expressar sentimentos, interpretar experiências e comunicar narrativas pessoais e coletivas (Coelho; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Pinturas corporais, dramatizações e atividades manuais funcionam como espaços seguros para externalizar desejos, medos e aprendizados, promovendo autoconfiança e autonomia. A articulação entre expressão artística e cotidiano favorece o equilíbrio entre criatividade, disciplina e compreensão dos papéis sociais, fortalecendo vínculos familiares e comunitários.

A integração da arte com práticas cotidianas evidencia a educação cultural como um processo contínuo e holístico, em que aprendizado, socialização e expressão estética caminham lado a lado. Ao participar de atividades que combinam criatividade, observação e experiência prática, as crianças constroem repertórios simbólicos que sustentam identidade, pertencimento e compreensão do mundo (Winicott, 1982; Darraut-Harris; Grubits, 2001). Esse entrelaçamento entre arte e vida diária reafirma a importância de valorizar formas tradicionais de conhecimento e aprendizagem, reconhecendo o protagonismo infantil e a função educativa da estética no contexto indígena.

2.6. RESILIÊNCIA CULTURAL E ADAPTAÇÃO ÀS INFLUÊNCIAS EXTERNAS

As crianças indígenas demonstram notável capacidade de integrar elementos externos sem perder a essência de suas tradições, mostrando que a aprendizagem cultural é dinâmica e adaptativa. Pesquisas indicam que, mesmo com a presença de brinquedos industrializados e influências midiáticas, as práticas lúdicas e artísticas mantêm sua função educativa, dialogando com novos contextos e fortalecendo a identidade coletiva (Lino, 2006; Cabrera, 2006). Essa resiliência cultural evidencia que os modos tradicionais de brincar e criar arte não são estáticos, mas instrumentos flexíveis que acompanham a evolução social e tecnológica das comunidades.

A preservação de saberes ancestrais ocorre simultaneamente à experimentação de novas formas de expressão, permitindo que crianças internalizem valores comunitários enquanto exploram recursos externos. Atividades como desenho livre, dramatização e construção de brinquedos mantêm princípios pedagógicos tradicionais, mas incorporam elementos contemporâneos, ampliando as possibilidades de aprendizagem e criatividade (Carvalho; Ischkanian; Cabral et al., 2025; Coelho; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Esse

equilíbrio entre tradição e inovação contribui para o desenvolvimento de competências cognitivas, motoras e socioemocionais, demonstrando a plasticidade da educação cultural indígena.

O diálogo entre práticas ancestrais e influências externas também reforça a autonomia infantil, ao permitir que crianças escolham, adaptem e reinventem brincadeiras e expressões artísticas. Estudos sobre processos de mediação docente e uso de tecnologias educacionais apontam que ambientes que respeitam essas escolhas favorecem aprendizagem significativa e protagonismo infantil (Viana; Ischkanian; Cabral et al., 2025; Vieira; Ischkanian; Cabral et al., 2025). A integração consciente entre tradição e inovação promove um senso de pertencimento cultural e capacita crianças a navegar entre múltiplos contextos de forma crítica e criativa.

A coexistência de práticas tradicionais e influências externas também fortalece vínculos familiares e comunitários, pois a participação de adultos na mediação de atividades artísticas e lúdicas garante a transmissão de valores culturais e históricos. Pesquisas demonstram que essa interação é essencial para que as crianças compreendam a função social das práticas culturais, ao mesmo tempo em que se engajam em atividades contemporâneas de modo responsável e significativo (Ischkanian; Cabral; Lima et al., 2022). Tal articulação contribui para a continuidade cultural e a valorização de modos de vida que promovem respeito, cooperação e identidade compartilhada.

A resiliência cultural se apresenta como um processo ativo de adaptação, no qual a criatividade infantil se torna um mecanismo de resistência e transformação. A capacidade de negociar tradições com novas experiências, mantendo coesão social e integridade cultural, demonstra que brincar e criar arte são práticas fundamentais para a formação de sujeitos conscientes e culturalmente enraizados (Carvalho; Ischkanian; Cabral et al., 2025; Vieira; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Essa perspectiva evidencia que a educação infantil indígena é simultaneamente preservadora e inovadora, promovendo aprendizagem significativa, identidade cultural e continuidade comunitária frente às mudanças sociais.

3. CONCLUSÃO

A análise das experiências lúdicas e artísticas das crianças indígenas evidencia que o brincar vai muito além da dimensão recreativa, constituindo um instrumento profundo de aprendizagem, socialização e formação identitária. Atividades como pinturas corporais, grafismos, músicas, danças e jogos com elementos naturais possibilitam a internalização de valores culturais, promovendo compreensão do mundo e desenvolvimento integral da criança. Esse caráter educativo do brincar demonstra que as práticas indígenas configuram-se como

veículos de transmissão de saberes, fomentando habilidades cognitivas, motoras e socioemocionais de maneira integrada.

A expressão artística nas comunidades indígenas surge como ferramenta essencial de comunicação e coesão social, refletindo significados simbólicos e reforçando vínculos coletivos. Padrões gráficos, rituais e objetos decorativos funcionam como registros de memória, permitindo que crianças experimentem, interpretem e recriem a tradição cultural em seu cotidiano. Essa relação entre arte e vida cotidiana revela que as práticas criativas constituem, simultaneamente, experiências estéticas e pedagógicas, fortalecendo a identidade individual e coletiva desde os primeiros anos de vida.

O brincar indígena também promove desenvolvimento emocional e social de forma natural, oferecendo espaços de expressão de sentimentos, resolução de conflitos e aprendizado cooperativo. Atividades como desenho livre, dramatização e construção de brinquedos permitem que crianças articulem imaginação, criatividade e percepção do outro, fomentando empatia e habilidades de convivência. Esse processo evidencia que a educação indígena valoriza a dimensão afetiva como componente central da aprendizagem significativa.

A conexão com a natureza emerge como eixo estruturante das práticas lúdicas e artísticas, promovendo aprendizagens ecológicas e respeito aos ecossistemas. Jogos com sementes, barro e elementos naturais estimulam observação, experimentação e compreensão dos ciclos da vida, incorporando princípios de sustentabilidade desde a infância. Essa integração entre cultura e ambiente demonstra que o brincar indígena contribui para a formação de sujeitos conscientes da interdependência com o meio, fortalecendo valores éticos e de preservação ambiental.

A capacidade de adaptação frente às influências externas reforça a resiliência cultural, evidenciando que as tradições lúdicas e artísticas podem dialogar com novos contextos sem perder sua essência. Crianças indígenas assimilam, reinterpretam e incorporam elementos contemporâneos às suas práticas, preservando ao mesmo tempo vínculos com a memória comunitária e valores ancestrais. Essa flexibilidade pedagógica demonstra que a infância indígena é um espaço de experimentação, criatividade e protagonismo, no qual o brincar é simultaneamente tradicional e inovador.

O estudo das experiências culturais indígenas evidencia a importância de reconhecer o brincar e a expressão artística como elementos centrais na educação infantil. Atividades lúdicas e criativas não apenas estimulam a imaginação e a criatividade, mas também promovem o desenvolvimento integral das crianças, fortalecendo aspectos cognitivos, motores e socioemocionais. Ao participar de práticas como jogos, pinturas corporais, músicas e danças, as crianças internalizam valores culturais e sociais, consolidando sua identidade e compreendendo

o papel que ocupam dentro da comunidade. Esse enfoque demonstra que o brincar indígena vai muito além do entretenimento, configurando-se como uma ferramenta pedagógica rica e significativa.

A valorização dessas experiências oferece oportunidades para refletir sobre a educação contemporânea e sobre formas de integrar tradição e inovação nos processos de ensino-aprendizagem. Reconhecer e preservar o caráter cultural do brincar indígena contribui para a coesão comunitária, fortalece a memória coletiva e promove a diversidade como um elemento essencial na formação de sujeitos críticos e sensíveis. Ao proporcionar espaços nos quais criar, imaginar e experimentar são incentivados, a educação infantil pode apoiar o desenvolvimento de crianças autônomas, criativas e conectadas às suas raízes culturais, ampliando a compreensão de aprendizagem significativa e promovendo o respeito à pluralidade cultural desde os primeiros anos de vida.

REFERÊNCIAS

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura.** 2. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 1997.

CABRERA, Denise S. P. **O cotidiano das famílias Terena: um estudo exploratório.** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2006.

CARVALHO, Silvana Nascimento de; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; DEMO, Giane; ISCHKANIAN, Sandro Garabed. **Desenho livre e aprendizagem significativa: um olhar interdisciplinar entre psicomotricidade, linguagens, arte, desenvolvimento infantil e mediação docente.** Clube de Autores, 2025. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/893260385/Desenho-Livre-e-Aprendizagem-Significativa. Acesso em: 07 jan. 2026.

COELHO, Tatiana; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; CARVALHO, Silvana Nascimento de; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; VENDITTE, Neusa; SILVA, Eliana Drumond. **Desenho infantil e desenvolvimento emocional: uma ferramenta para psicólogos e educadores.** Clube de Autores, 2025. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/915358119/Desenho-Infantil-e-Desenvolvimento-Emocional. Acesso em: 06 jan. 2026.

COSTA, Vera L. M. **O jogo e o imaginário social.** In: GUEDES, G.; VARGAS, A.; BARROS, J.; ARAGÃO, S. *Desenvolvimento infantil*. Lisboa: Sociedade Internacional para Estudos da Criança, 2002, p. 105-114. Anual.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

DARRAUT-HARRIS, I.; GRUBITS, S. **Psicossemiótica na construção da identidade infantil: um estudo da produção artística de crianças Guarani/Kaiowá.** São Paulo: Casa do Psicólogo; Campo Grande: Universidade Católica dom Bosco, 2001.

FÁVERO, A. A.; CENTENARO, J. B. **A pesquisa documental nas investigações de políticas educacionais: potencialidades e limites.** Contrapontos, v. 19, n. 1, p. 170-184, 2019.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M**. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação.** Logeion: Filosofia da informação, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019.

GUEDES, Maria G. S. **O jogo e a criança.** In: GUEDES, G.; VARGAS, A.; BARROS, J.; ARAGÃO, S. *Desenvolvimento infantil*. Lisboa: Sociedade Internacional para Estudos da Criança, 2002, p. 37-65. Anual.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; LIMA, Marília da Silva; GOMES, Rodrigo da Vitória; FERREIRA, Marli Balta; SANTOS, Ana Luzia Amaro dos; SOUZA, Alcione Santos de. **Educação contemporânea: sou preto e eu índio, possibilidades, (in) ou (ex)clusão, tecnologias, saúde, direitos constitucionais, desafios e avanços socioculturais.** In: MASON, Ana Paula Uliana; SANTOS, Marcilení dos (org.). Educação contemporânea: realidade, possibilidades e desafios**.** Itapiranga: Schreiben, 2022. p. 123. E-book (PDF). EISBN: 978-65-5440-058-9. DOI: https://doi.org/10.29327/5135608.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

LINO, Adriana R. S. **A influência das relações familiares no ajustamento escolar da criança Kaiowá.** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2006.

MELIÁ, B. **Educação indígena e alfabetização.** São Paulo: Loyola, 1979.

MORALES, W. G. B**. Análisis de Prisma como Metodología para Revisión Sistemática: una Aproximación General.** Saúde em Redes, v. 8, n. sup1, p. 339-360, 2022.

NARCISO, R.; SANTANA, A. C. A. **Metodologias científicas na educação: uma revisão crítica e proposta de novos caminhos.** ARACÊ, v. 6, n. 4, p. 19459-19475, 2025.

PAGE, M. J et al. **The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews.** BMJ, v. 1, n. 1, p. 1-1, 29 mar. 2021.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally W. **Desenvolvimento humano.** 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Aracy Lopes; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva; NUNES, Ângela (Org.). **Crianças indígenas: ensaios antropológicos.** São Paulo: Global, 2002.

SILVA, L. R. C. et al. **Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente.** In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Anais. Paraná, 2009. p. 4554-4566.

VELASCO, Cacilda Gonçalves. **Brincar o despertar psicomotor.** Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

VIEIRA, Nívea Maria Costa; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; VIANA, Fabiane Bandeira; LIMA, Adriana de. **Tecnologias criadas para todos: Cultura Maker, inovação educacional e inclusão no cenário educacional.** Clube de Autores, 2026. Disponível em: https://archive.org/details/cultura-maker-e-a-tecnologias-criadas-para-todos. Acesso em: 7 jan. 2026.

VIEIRA, Nívea Maria Costa; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; ISCHKANIAN, Sandro Garabed. **Processos de reflexão metalinguística na alfabetização inicial.** Clube de Autores, 2025. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/930878228/Processos-de-Reflexao-Metalinguistica-Na-Alfabetizacao-Inicial-Nivea-Maria-Costa-Vieira-2025. Acesso em: 06 jan. 2026.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B. (1992). **Araweté, O povo de ipixuna.** São Paulo: CEDI.

WINNICOTT, Donald Woods**. A criança e seu mundo.** 6. ed. Rio de janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1982.